



NINGUÉM SABE TUDO, NINGUÉM SABE NADA

ELIETE SANTIAGO, MULHER NEGRA NORDESTINA E INTELLECTUAL

Liana Borges, Café com Paulo Freire Centro Histórico POA/RS¹

Marinaide Freitas, Café com Paulo Freire Alagoas/AL²

Monica Folena, Café com Paulo Freire Cátedra Paulo Freire UFRPE/PE³

Caras/os leitoras/es da Revista Café com Paulo Freire, te convidamos a andarilhar até o nordeste pernambucano, pois vamos te apresentar a Professora (sim, com P maiúsculo) Maria Eliete Santiago, recifense, que dedica sua vida pessoal e profissional à defesa da Educação Pública e ao pensamento de Paulo Freire.

A realização desta entrevista-diálogo foi diferente das quatro anteriores, é que Eliete, em função de sua agenda, e por não querer deixar de atender ao nosso convite, optou por receber um roteiro com questões para que pudesse responder por escrito. As respostas são emocionantes demonstrando sua compreensão de mundo, marcada pela justiça social e o seu compromisso político-pedagógico. Esta mediação foi realizada por Marinaide Freitas (Café com Paulo Freire Alagoas/AL) e Mônica Folena (Café com Paulo Freire Cátedra Paulo Freire UFRPE/PE).

Boa leitura!

RESUMO: Maria Eliete Santiago (Eliete Santiago), 75 anos, mulher negra, nordestina, da cidade de Recife, Pernambuco. Tem mestrado em Educação e Currículo na PUC/SP e doutorado na Universidade de Paris V – Rene Descartes. Professora Titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), vinculada ao Programa de Pós-Graduação nesta instituição (PPGE/UFPE), Linha de Pesquisa em Formação de Professores e Prática Pedagógica, pesquisadora da Rede Freireana de Pesquisadores, coordenada pela Professora Ana Maria Saul (PUC-SP) e da Rede CURRERE Nordeste – coletivo de pesquisadoras(es) em currículo e formação,

¹ Professora aposentada, mestre e doutora em educação, Criadora e curadora da Rede Nacional Café com Paulo Freire. Contato: lianaborges@cafecompaulofreire.com.br

² Professora da Universidade Federal de Alagoas, doutora em Linguística foi gestora de EJA na Secretaria Municipal de Maceió, militante do Fórum Alagoano de EJA, membra do Café com Paulo Freire em Alagoas. E-mail: naide12@hotmail.com

³ Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, doutora em Educação, coordenadora da Cátedra Paulo Freire da UFRPE, membra do Café com Paulo Freire Cátedra Paulo Freire UFRPE/PE. E-mail: monica.folena@ufrpe.br



coordenada pelo Professor Roberto Sidnei Macedo (UFBA), Sócia Fundadora do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas e Coordenadora da Cátedra Paulo Freire da UFPE. Desenvolve estudos, pesquisa, ensino, extensão e orientação de pesquisas sobre a Pedagogia de Paulo Freire.

PALAVRAS-CHAVE: Eliete Santiago. Compromisso político-pedagógico. Compreensão do mundo.

1 - De onde vem sua experiência com Paulo Freire? Onde e como se conheceram?



Nos últimos dois anos tenho dado depoimentos e entrevistas, com certa frequência, em razão do centenário de Paulo Freire. Isso tem ocorrido, certamente, por ter sido aluna e orientanda, coordenar a Cátedra Paulo Freire da UFPE, além de coordenar, desde 2013, uma disciplina que tem Paulo Freire e sua obra como objeto de ensino.

Em geral, costumam me perguntar como conheci Paulo Freire e sobre a minha experiência com ele. Gosto muito de falar sobre esse momento inicial – o marco zero – do nosso encontro. Portanto, não tenho como não me repetir. Certamente, quem me lê nesta ocasião terá três possibilidades: ainda não ter tido acesso a essas informações através de mim, desconfiarem deterem lido/escutado em alguma ocasião, ou de confirmarem que estou trazendo um tema que não é novo para quem já me conhece.

Conheci Paulo Freire, primeiro, através das ideias; estudando *Pedagogia do oprimido*, com estudantes de licenciaturas, na Universidade Católica de Pernambuco, onde fui professora por muitos anos. Fui conhecendo suas ideias, estudando e ensinando, discutindo com professoras/professores em formação inicial. Foi uma aproximação muito interessante, lendo-o pelos meus olhos e pelo olhar das/dos estudantes.

Embora tenha visto Paulo Freire pela primeira vez em Recife, conhecê-lo somente ocorreu na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, em



1982. Fui sua aluna e orientanda no Programa de Pós-Graduação em Supervisão e Currículo, hoje Educação e Currículo.

Estudei na UFPE entre os anos de 1968 e 1971. Nessa mesma universidade, Paulo Freire estudou, atuou como professor e ousou fazer diferente. Fez diferente na Universidade e por onde andarihou. Na Universidade do Recife, hoje UFPE, criou o Serviço de Extensão Cultural – o SEC, um verdadeiro laboratório de vivências político-pedagógicas. Criou ainda a Rádio Universidade, hoje Rádio Paulo Freire, funcionando como rádioscola. Criou também a Revista de Cultura *Estudos Universitários*.

Esses veículos de comunicação foram criados como equipamentos culturais com a finalidade de aproximar a universidade da sociedade. No entanto, os infortúnios da política nacional fizeram com que a continuidade desses veículos sofresse interrupção, mudança de rumos, mas retornaram à sua função primeira e estão em plena atividade.

Tenho a confessar que tudo isso conheci depois do meu encontro com Paulo Freire, em 1982. Lendo, estudando, às vezes, escutando-o, mas sempre mobilizada pela curiosidade, a escuta e a reflexão.

Na condição de estudante, li Paulo Freire, não por recomendação, nem como tarefa para estudo. Lembro-me bem que esta proposição de leitura partia do grupo de estudantes, da nossa curiosidade epistemológica, do desejo de ouvi-lo sobre suas ideias. Ideias sistematizadas a partir da nossa leitura ou de indagações dirigidas a ele. Ler Paulo Freire jamais foi orientação ou imposição do autor. Sigo estudando a obra, estimulando gente a lê-lo e ouvindo sobre leituras de seus livros e sobre o autor. Sigo revendo e redescobrendo Paulo Freire, sempre!

Portanto, não conheci Paulo Freire na UFPE, nem tampouco escutei falar sobre ele na nossa universidade, no meu tempo de estudante, durante a minha formação inicial. Passei minha fase de estudante em Pedagogia, e no início da minha carreira profissional, sem escutar falar em Paulo Freire. Embora tenha sido aluna de suas/seus contemporâneas/os.

Meu encontro com Paulo Freire – com suas ideias e práticas – vai ocorrer como relação docente-discente, a partir de março de 1982, na PUC/SP, quando



iniciava o curso de mestrado. Ali, começava com ele, uma longa caminhada que se constituiu em uma sólida amizade. A aproximação acadêmica evoluiu e me aproximou do seu mundo privado, levando-me a frequentar sua casa onde ele me recebia para as sessões de estudos e de orientação. Esta recepção em sua casa oportunizou conhecer a querida professora Elza Freire, dona Elza, sua primeira mulher. Mulher muito interessante que reunia conhecimento, afeto e firmeza.

Experimentei a relação docente-discente como processo de produção do conhecimento, conhecimento crítico. Produzido e acessado como fala-escuta-problematização-sínteses, processo que dava origem as temáticas de estudo e de avaliação. Na verdade, o processo de escuta-discussão das questões trazidas pelo grupo constituía o programa de estudo. Gerava pequenos textos colocados para discussão. Paulo Freire colocava a sua disponibilidade de escuta e rigor. A disciplina intelectual estava no exercício da fala-escuta, na argumentação e na composição de referenciais para estudos das temáticas e discussão coletiva.

Vi e vivi o Círculo de Cultura, a Pesquisa Participante e os processos de investigação temática. A educação problematizadora.

A relação docente-discente foi ampliada e prolongada para a relação orientador-orientanda. As sessões de estudos e orientação partiam sempre de um texto elaborado por mim. Líamos juntos, discutíamos e fazíamos o plano de trabalho, inclusive com referências para leituras ou releituras. Trabalhávamos não menos de 4 horas por jornada. O almoço fazia parte da programação – a orientação era antes ou depois do almoço. Almoçar juntos fazia parte do programa de trabalho, da dimensão afetiva. Esses momentos foram de significância intelectual e afetiva, de modo indissociável. Eles me permitiram conhecer Dona Elza.

Esse é Paulo Freire, professor-orientador-amigo, com quem tive a oportunidade de conviver e de aprender sobre o cuidado, a solidariedade e a amorosidade para com o outro/outra. Oportunidade de aprender pelo testemunho, aprender que ser professora/professor não se enquadra nos limites de uma área do conhecimento, de um semestre, ano letivo ou uma sala de aula. Orientar não é emprestar um nome. Ser professora/professor é uma forma de estar no mundo e de se relacionar com estudantes em diferentes contextos de vida. Ser professora/professor é gostar de gente. É partilhar conhecimento, vida e afeto.



Posso afirmar que na condição de aluna, vivenciei coerência, rigorosidade, amorosidade, diálogo. Instituintes da pessoa; da pessoa-docente; da pessoa-orientador. Princípios presentes na obra, vida e gestos de Paulo Freire. Paulo Freire solidário, andarilho, distribuindo saberes e alegria.

Assim construí a clareza de que, em Paulo Freire, vida e obra são indissociáveis, constituem testemunho de respeito à pessoa e às culturas, ele empenhou a vida na luta pela humanização da pessoa e da humanidade através da educação.

Portanto, da relação acadêmica que teve início em 1982, nasceu uma bela amizade que durou até o final de sua permanência no planeta Terra. Hoje, a amizade ganhou forma de compromisso político-pedagógico. A Cátedra Paulo Freire da UFPE, criada em 2005 por nossa iniciativa, e por mim coordenada, é uma expressão desse compromisso.

2. Da sua trajetória de trabalho com Paulo Freire, o que você destacaria como memória afetiva que nos dias atuais ainda trazem reflexões profundas?

PAULO FREIRE, um homem apaixonado pela vida, pelas pessoas, pela natureza e pela cidade do Recife. Um homem com um enorme gosto pela vida, uma amorosidade infinita, disponibilidade singular para ouvir e solidariedade inenarrável. Um professor que gostava de fazer aulas, seminários, ouvir e refletir juntos aos seus alunos e alunas. Ouvir para depois falar...ouvir novamente, ouvir sem que tivesse que ser o último a dizer a palavra.

Paulo Freire é para mim uma referência humana, ética, acadêmica, profissional e pessoal. É um testemunho ético, de humanização e de esperança. A ousadia é uma das suas marcas, configurada como política, educação e cultura, como unidade no campo da educação escolar e dos movimentos sociais.

Diria, a capacidade de escuta de Paulo Freire, sem distinção da pessoa ou de sua formação, é uma das suas marcas; um gesto fundamental nos processos relacionais. Não é sem razão que ele destacou a escuta enquanto gesto como um dos saberes indispensáveis à prática educativa. O exercício do diálogo como construto teórico, postura e prática pedagógicas, tem seu nascedouro na capacidade de escuta, de observação e de atenção. Portanto, o diálogo como natureza e



expressão do humano constitui, para mim, a síntese desse testemunho do humano chamado, por batismo e na história, de Paulo Freire.

3. Proponha uma reflexão sobre o contexto atual do Brasil e conjugue o verbo esperar sugerindo um inédito-viável de possível construção.

As adversidades sociais vividas no Brasil nos últimos anos, que atingiram principalmente as populações mais vulneráveis – pobres, pretos, indígenas, mulheres, população LGBTQIA+-, os negacionismos a que fomos expostas/os, e que levaram parcelas da população à morte, colocaram em confronto, nas eleições de 2022, dois projetos políticos para o Brasil, dois projetos de sociedade.

Um deles, de caráter civilizatório. Ao se fazer a leitura da realidade, como propõe Paulo Freire, naquele momento e hoje, a candidatura do presidente Lula representava um horizonte de esperança, o inédito viável – viver numa sociedade em que a experiência de humanidade fosse prioridade para governar e formular políticas sociais. Isto é, sonhar com uma sociedade em que todas as pessoas fossem reconhecidas como *gente*, pessoas de direito.

Eleger o presidente Lula como indicação de reconstrução do projeto civilizatório foi, e continua sendo, a efetivação de passos para a construção do inédito viável. Isto é, a reconstrução de um Brasil que priorize a vida e a dignidade de brasileiras e brasileiros. Portanto, a importância da implicação do coletivo da nação brasileira na continuidade da construção do inédito viável como tarefa de coletivos, de pessoas organizadas e mobilizadas, inclusive para mapear os obstáculos que se apresentem/apresentam constantemente, a exemplo do ataque à educação e à população presente nas escolas.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que a escola é uma instituição que tem por característica ter presente, por um longo tempo, a população escolar e profissional, que disponibiliza maior tempo de trabalho efetivo com crianças jovens e adultos e carrega a possibilidade da educação crítica de todas as pessoas. Ela é campo de disputa na construção de um projeto civilizatório. Ela é estratégica na construção do inédito viável.

Portanto, no momento em que se põe em marcha um projeto de reconstrução do projeto civilizatório para o conjunto da sociedade brasileira, não se pode deixar



de contemplar políticas escolares afinadas com essa perspectiva para que o projeto fortaleça a escola, e essa ajude a reconstruí-lo, tornando assim o inédito viável. Não resta dúvida que Paulo Freire, a pedagogia freiriana, é imprescindível.

4. Você poderia nos brindar fazendo uma homenagem a Paulo Freire?

Homenagear Paulo Freire, a meu ver, é assumir, difundir e defender os seus princípios, como o seu grande legado. Por isso, defendo, junto com ele, que, “Em um país como o Brasil, manter a esperança viva é em si um ato revolucionário”.

Nesse caso, a homenagem está em ensaiarmos ser revolucionárias/os, assumindo essa postura todos os dias, esperando-nos e tornando outras/os esperançosas/esperançosos. Isso, penso ser honrar Paulo Freire; a luta de Paulo Freire e de tantas outras/outros/outres que se empenharam e empenham por um mundo melhor a partir do seu lugar social.

Cultivar a esperança, do verbo esperar, é uma homenagem cotidiana ao patrono da educação brasileira, andarilho da utopia. Exercitar o sentido do esperar freireano – “esperar é levar adiante, esperar é juntar com outros para fazer de outro modo”.

Esse exercício é o que nos mobiliza na Cátedra Paulo Freire da UFPE, na vivência e convivência crítica e amorosa. Na seleção e proposição de ações e atividades que possibilitem leituras coletivas de mundo, reflexões sobre práticas sociais e pedagógicas, valorização do saber das pessoas, e a luta e gestos contra todo tipo de preconceito e discriminação.

Nossa homenagem a Paulo Freire se faz como memória e trabalho, a partir da diversidade de projetos e ações que oportunizam leituras de mundo, formação e inserção política e pedagógica nos espaços acadêmicos, escolares, sociais.

A Cátedra Paulo Freire é uma homenagem e reconhecimento institucional a esse educador brasileiro, do Recife e do mundo.

Por fim, agradeço a Revista Café com Paulo Freire, através de Liana, Marinaide e Monica, com um grande abraço esperançoso.

Eliete Santiago - Recife, 19 de abril de 2023